

WWW.EU.BLOG.COM/TU
Blogs e a construção da subjetividade através da escrita

letrônica

Camila Canali Doval¹

Introdução

Quem se propõe a estudar a teoria da subjetividade na linguagem, depara-se invariavelmente com a tão célebre quanto bela e verdadeira proposição de Émile Benveniste: “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (1995, p.285). Não há como fugir dessas palavras ao abordar o assunto, pois a frase de Benveniste abarca, em poucas linhas, tanto o fundamento e a razão de se ser e estar no mundo, quanto o anseio e a busca em que se move nele.

Sempre foi assim. A história do homem é feita de linguagem: ela se constrói através do inevitável diálogo entre um *eu* que só se comprova diante de um *tu*. Seja política ou religião, guerra ou arte, ódio ou amor, todos os grandes temas do homem são linguagem e por ela se propagam em existência. O homem quer sempre se expressar; quer sempre marcar o outro com o que *é*, para conceber-se realmente *sendo*.

Hoje, essa necessidade encontra na tecnologia uma ferramenta poderosa de expressão, em que a internet é fruto exemplar do nosso infindável desejo de enunciar. O existir é tão assustador – por sua fragilidade, por sua inconsistência, pelo tênue limite que o separa do não-existir – que, quanto mais e quanto mais longe sua existência for percebida pelo outro, mais o homem crê-se existindo. Todos os dias, milhares de pessoas lançam, no

¹ Mestranda em Teoria Literária na PUCRS e bolsista CNPq.

meio virtual, seus vídeos, fotos e textos. Exibicionismo? Talvez. Assim como talvez cada um se sinta mais inteiro ao ver pedaços seus publicados na web. Nas palavras exatas de Benveniste: “A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste” (1995, p. 286).

Ao seguir, portanto, esse pensamento de que o homem existe *na e pela* linguagem e de que a própria evolução tecnológica é consequência da necessidade de dizer *eu*, será analisado, neste artigo, o blog, instrumento virtual de emersão pública de marcas de subjetividade, considerando, em especial, sua forma de linguagem. Mais do que qualquer outro estilo de página pessoal da rede, o blog é um espaço que privilegia a escrita e a tem como base subliminar, mesmo havendo possibilidades de inserção de imagens e outros meios. Entretanto, de que escrita fala-se aqui?

De acordo com Endruweit: “É a enunciação que possibilita o surgimento de novos sentidos, o aparecimento das marcas do sujeito, enfim, de seu estilo. De um estilo *que é o sujeito*, que é a *Escrita*” (2006, p. 17). O blog, dessa forma, une preceitos fundamentais que ajudam a ilustrar a “definição do homem” proposta por Benveniste. Conectando os ensinamentos do linguista sobre a subjetividade na linguagem à pesquisa de Endruweit sobre as singularidades da escrita, entende-se que a escrita se trata de um acontecimento enunciativo, dos mais misteriosos e fascinantes nos quais linguagem e homem se desdobram.

Conforme será defendido, diferente do tradicional diário e aproximado à escrita literária, o blog é concebido e publicado *para* um leitor. Trata-se de uma escrita de si, porém não uma escrita íntima, afirmação amparada pelos estudos de Lejeune sobre gêneros autobiográficos. O blog tem um objetivo e o cumpre: contar algo para alguém. Diante dessa afirmação, surgem as questões: como se dá a construção da subjetividade no blog? Qual a configuração de *eu* que se enuncia através desse instrumento? Para que *tu*?

1 Ora, blogs!

Para iniciar esta reflexão, considera-se necessário esclarecer o significado e as funções da ferramenta blog. Como será visto, os blogs são, ao mesmo tempo, fruto da nova tecnologia digital e instrumento de enunciação. Ou seja: modernidade e sujeito, máquina e pessoa, evolução e criação.

Pode-se iniciar a busca pelas definições expressas nos próprios sites de hospedagem. Para o Blogger Blogspot², “um blog é um site de fácil utilização, onde você pode postar rapidamente o que pensa, interagir com as pessoas e muito mais. E tudo isso é grátis.” Para o UOL³, “blog é um diário online no qual você publica histórias, idéias ou imagens. Criar e atualizar seu blog é fácil e rápido: você só precisa de uma idéia na cabeça e um mouse na mão.” A versão brasileira do Blogger, o Blogger Brasil⁴, define blog como uma necessidade: “a ferramenta que você precisa para publicar seus pensamentos na web instantaneamente, sempre que sentir vontade.” O WordPress⁵, por sua vez, apresenta-se como ferramenta de trabalho:

O WordPress é uma plataforma semântica de vanguarda para publicação pessoal, com foco na estética, nos padrões web e na usabilidade. O WordPress é ao mesmo tempo um software livre e gratuito. Em outras palavras, o WordPress é o que você usa quando você quer trabalhar e não lutar com seu software de publicação de blogs.

A partir desses conceitos, torna-se possível, à primeira vista, relacionar blog a site, pensamento, interação, diário, criação, atualização, publicação e gratuidade. Para não ater-se apenas às definições dos principais interessados no assunto – empresas que hospedam blogs e beneficiam-se financeiramente com isso através da publicidade –, busquem-se as palavras de Marcuschi, que define blogs como: “diários virtuais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticado pelos adolescentes na forma de diários participativos” (2005, p. 29).

² www.blogger.com/start

³ www.blog.uol.com.br

⁴ www.blogger.globo.com

⁵ www.br.wordpress.org

Com tal intervenção, pode-se relacionar blog, a partir daqui, a novos termos: escrita autobiográfica, observações, agendas, anotações, adolescentes e, novamente, diários. Ressalta-se que Marcuschi relaciona o blog a diário, na tentativa de definir uma prática que, desde seu surgimento, tem se mostrado complexa e intrigante.

Conforme artigo de Amaral, Recuero & Montardo⁶, “O termo ‘weblog’ foi primeiramente usado por Jorn Barger, em 1997, para referir-se a um conjunto de sites que ‘coleccionavam’ e divulgavam links interessantes na web (...)” (2009, p. 28). Marcuschi complementa que “o termo surgiu a partir de duas palavras: web (rede de computadores) e log (uma espécie de diário de bordo dos navegadores que anotavam as posições do dia)” (2005, p. 61).

Novaes, blogueiro, em post intitulado *A História dos blogs*⁷ (2007), explica a evolução do gênero. Segundo o autor, a moda dos blogs iniciou no ano de 1999, quando internautas começaram a construí-los para tratar de assuntos como humor e política. Mesmo com conhecimentos intermediários em linguagens de programação e design, os blogueiros sentiam-se importantes com seus blogs, tratavam-nos como joias raras e mostravam-nos para todos. Nesta época, os posts, nome dado às informações adicionadas periodicamente ao blog, eram apenas links, ou seja, eram pontes para outros sites e blogs, tal qual definido pelo seu criador, Barger. Dessa forma, os blogs se autodivulgavam, originando uma concorrência pelo número de acessos recebidos. Para destacar-se e conquistar leitores diários ou semanais, os blogueiros desenvolveram estratégias como: estabelecer links cada vez mais interessantes, postar sobre assuntos atuais, relevantes ou no mínimo curiosos e utilizar a escrita formal.

Novaes observa que, em pouco tempo, os sistemas de hospedagem totalmente gratuitos e de uso simplificado oferecidos por diversas empresas causaram grande transformação no perfil do blog. As pessoas começaram a fazer dele um diário virtual, deixando de postar apenas links para escrever sobre suas vidas. Mas seriam esses diários virtuais aqueles mesmos diários escritos em cadernos e escondidos em gavetas?

⁶ Disponível em www.sobreblogs.com.br

⁷ <http://www.broqui.com/a-historia-dos-blogs/>

Especifica-se agora o que se entende, nesta pesquisa, como diferença crucial entre blogs e diários: o blog é escrito *por* alguém e *para* alguém, constituindo um diálogo entre *eu-tu*, mesmo que no plano virtual. Desse diálogo é que decorrem os inúmeros usos do blog, sempre pautados na relação entre quem escreve e quem lê.

A maioria dos blogs disponibiliza um espaço de interação, de debate, de “arena pública”, em que visitantes podem deixar seus comentários, criticar, interagir com o/a blogueiro/a, e com os/as demais visitantes. Os blogs geralmente oferecem uma lista de indicação com links internos e externos que apontam para conteúdos de arquivo, outros blogs recomendados e conteúdos que guardam afinidade com o tema de interesse do grupo. Geralmente, é possível encontrar comentários de outros/as blogueiros/as (acompanhados do endereço eletrônico) da lista dos indicados no Livro de Visitas de cada blog, formando uma rede de interação em que uns referem-se aos outros e tem-se a sensação de constituírem uma mesma “comunidade”, interagindo através de textos, imagens e hipertextos (AMARAL, RECUERO & MONTARDO, 2009, p. 78).

O fato é que os blogs são um inegável fenômeno da cultura pós-massiva, que se expande por diversos segmentos. Segundo Lemos⁸:

Os blogs refletem a liberação do pólo da emissão característico da cibercultura. Agora, todos podem (com mínimos recursos) produzir e circular informação sem pedir autorização ou o aval a quem quer que seja (barões das indústrias culturais, intelligentsia, governos...) (2009, p. 9).

Será que um diário, por si só, seria capaz de tudo isso? Teria força para modificar o cenário da Comunicação ao relatar o dia-a-dia de pessoas comuns? Lemos calcula:

Em dezembro de 2007, Technorati contava 112 milhões de blogs. A cada dia, são criados mais de 175 mil novos e produzidos 1,6 milhões de posts (cerca de 18 por segundo). Últimos dados do State of the Blogosphere de 2006 indicavam que o número de blogs dobra a cada 5,5 meses e que um blog é criado a cada segundo todo dia. Em relação ao Brasil, estima-se que há entre 3 a 6 milhões de blogueiros/blogs e 9 milhões de usuários (as estatísticas variam muito em fontes como Ibope/NetRatings, Intel, entre outras), o que corresponde a quase metade dos internautas ativos no país. Nos EUA, por exemplo, 64% dos adolescentes participam de alguma forma de criação de conteúdo on-line. Os blogs são mantidos por 28% deles, e 39% disponibilizam e compartilham suas próprias criações artísticas on-line (fotos, vídeos, textos, etc.). Os dados são de um estudo de 2006 realizado pelo Pew Internet & American Life Project. Matéria do

⁸ Disponível em www.sobreblogs.com.br

Estadão On-line aposta que, em 2012, 25% do conteúdo da internet será criado pelos próprios usuários (2009, p. 11).

Apesar dos dados disponíveis, pesquisadores insistem em conceituar blog como diário virtual, ou ainda, como acrescenta Marcuschi: “Trata-se de um Big Brother da internet, dinâmico, interativo e instigante” (2005, p. 61). O conceito do linguista é seguido por Komesu:

A avaliação das práticas sociais de um exibicionismo da vida privada em eventos textuais como os blogs é questão que pode ser estendida a outros meios de comunicação. Limito-me a mencionar a televisão, para ficar com um dos exemplos mais célebres. (...) Não se pode esquecer que o sucesso do exibicionismo, seja em escritos pessoais, seja na apresentação física dos corpos, deve-se, também, ao olhar do Outro, leitor e telespectador atentos, computáveis enquanto audiência do site ou canal de televisão (2005, p. 112).

A autora, por um lado, propõe uma reflexão sobre o papel do *outro* no contexto dos blogs, mas, por outro, reforça a ideia de *diário* ao definir a ferramenta como prática social de exibicionismo da vida privada. Para Komesu, blogs são diários expostos na rede em busca de audiência. Ela compara-os, como Marcuschi, ao famoso reality show Big Brother (ibid, p. 112).

Pesquisa realizada pelo site Verbeat⁹ entre 10 e 25 de novembro de 2005 registra dados colhidos entre os próprios blogueiros. Um questionário com 64 questões ficou disponível para acesso livre, tendo como universo a ser pesquisado pessoas que mantêm ou lêem blogs. Entre as questões mais esclarecedoras sobre significado e função dos blogs, destaca-se a seguinte:

Você acha que blog é...:

| | | |
|-------------------------|-----|-------|
| Diversão/Entretenimento | 489 | 70,2% |
| Imprensa Alternativa | 428 | 61,4% |
| Suporte de informação | 398 | 57,1% |
| Diário Virtual | 359 | 51,5% |

⁹ www.verbeat.org/pesquisablogosferabrasil

Moda passageira 15 2,2%

A pergunta era de múltipla escolha e, conforme observado, *diário virtual* é apenas a quarta categoria mais mencionada entre os participantes. A diversidade e, ao mesmo tempo, a proximidade de menções entre as quatro primeiras categorias aponta o caminho para uma nova definição de blog: espaço personalizado, plural e interativo.

Outras questões da pesquisa trazem dados importantes para a construção do conceito:

Motivações para ler blogs: A maioria dos respondentes considera que *Diversão/entretenimento* é a categoria que melhor representa a motivação para ler blogs. *Saber como estão e o que andam fazendo os amigos/família* é a quinta resposta mais mencionada de um total de sete opções.

O que leva a acompanhar determinado blog: A maioria dos respondentes considera que *Temática* é a categoria que melhor representa o que leva o leitor a acompanhar determinado blog. A opção *Relação próxima com o autor* ficou em segundo lugar.

Motivações para escrever/manter um blog: *Registrar ideias e pensamentos que tenho* foi a resposta mais mencionada, seguida por *Divulgar livremente minha produção artística*. *Manter amigos informados sobre minha vida* ficou em terceiro lugar, com larga diferença em relação ao primeiro.

Quais temáticas o(s) seu(s) blog(s) aborda(m)? Essa foi uma questão com muitas opções de resposta. O resultado será transcrito na íntegra, a fim de reforçar a diversidade de conteúdo dos blogs:

| | | |
|--|-----|-------|
| Ideias soltas/introspecções | 469 | 17,3% |
| Relatos/comentários sobre a minha vida/dia-a-dia | 386 | 14,2% |
| Crítica e opinião sobre cultura | 327 | 12,1% |
| Humor | 245 | 9,0% |
| Costumes | 237 | 8,7% |
| Internet/blogs | 236 | 8,7% |

| | | |
|--|-----|------|
| Literatura (crítica e opinião) | 169 | 6,2% |
| Divulgação da minha produção literária | 156 | 5,8% |
| Política e economia | 154 | 5,7% |
| Trabalho | 123 | 4,5% |
| Esporte | 54 | 2,0% |
| Religião | 54 | 2,0% |
| Sexo | 53 | 1,9% |
| Colégio / pesquisas e estudos acadêmicos | 33 | 1,2% |
| Games | 16 | 0,6% |

Analisando os blogs pelos olhos de quem faz blogs, constata-se não ser sensato classificá-los como diários ou reduzi-los a puro exibicionismo. Tais considerações subestimam a capacidade dialógica dos blogs, e aqui nem foram abordados tópicos como a sua relação com o jornalismo, cada vez mais relevante e atuante na quebra do maniqueísmo da informação. Para detalhes, recomenda-se o livro *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*¹⁰. Outra fonte sobremaneira interessante é o filme *Blogumentário*¹¹ (2009).

Para finalizar este item, registra-se um pertinente comentário do site Observatório de Imprensa¹²: “Não há estatísticas a respeito do número existente no Brasil, mas se sabe que aqui, como nos outros países, os blogs passaram, há tempos, da categoria de diário pessoal a potenciais veículos de comunicação.”

2 Escreveu não leu, o pau comeu

Deixa-se de lado, por ora, a discussão sobre o que, afinal, são blogs. Importante é observar pontos cruciais para esta pesquisa, os quais serão tratados daqui por diante: a) blogs são fundamentalmente um espaço de escrita; b) blogs constituem um diálogo entre *eu* e *tu*; c) blogs são mais do que diários virtuais e exibicionismo.

¹⁰ Disponível em www.sobreblogs.com.br

¹¹ www.blogumentario.org

¹² <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=382ASP015>

Em primeiro lugar, é preciso definir de que escrita se fala. Conforme registro de Marcuschi, “Segundo Yeats (2000: 233), com as novas tecnologias digitais, vem-se dando uma espécie de ‘radicalização do uso da escrita’ e nossa sociedade parece tornar-se ‘textualizada’, isto é, passar para o plano da escrita” (2005, p. 15). Sobre o tema, Marcuschi afirma que “(...) um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita” (ibid, p. 18). O novo tipo de comunicação apontada pelo autor como “Comunicação Mediada por Computador (CMC) ou comunicação eletrônica” (2005, p. 15) resultou no fenômeno que aí está: escreve-se como nunca.

A CMC parece ter tirado um peso das costas da escrita, tornando-a um hábito. Em consequência, muitas discussões vêm à tona a respeito da qualidade dos escritos inaugurados e difundidos pela internet. A CMC trouxe a escrita para o dia a dia, sim, mas isso de forma alguma significou trazer a escrita denominada culta¹³. Diante de novas tecnologias digitais, torna-se natural o surgimento de uma nova forma de escrita, uma reinvenção da linguagem.

De acordo com Benveniste, linguagem é a faculdade de simbolizar inerente à condição humana (FLORES et al., 2009, p. 151). Segundo as palavras do autor, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 1995, p. 286).

A linguagem oferece ao homem a ferramenta que lhe permite enunciar e, dessa forma, ser: a língua. Pela língua, tenta-se acomodar no entendimento racional algo tão violentamente humano: a linguagem. A linguagem está no homem e o homem se faz sujeito através dela, apropriando-se da língua para enunciar-se ao mundo, demonstrando ao outro que existe através das escolhas e marcas impressas em sua enunciação. Assim, pra

¹³ Cunha & Cintra definem sua Nova Gramática do Português Contemporâneo como “uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias.” (2007, p. xxiv) A respeito desse conceito, Mendonça opina, pertinentemente, que “Além de tentar ‘unificar’ a língua, as nossas gramáticas normativas homogeneizam a norma culta, higienizando-a, produzindo e difundindo uma imagem do que seria a *norma culta escrita formal*, tendo por base o modelo dos considerados bons escritores do passado” (2001, p. 235).

Benveniste, “O homem é homem porque tem linguagem. Opor o homem à linguagem é opô-lo a sua própria natureza” (FLORES et al., 2009, p. 151). Isso é enunciação aos olhos de Benveniste: “a colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (FLORES et al., 2009, p. 102). Esmiuçando o conceito, tem-se que:

A noção de enunciação, entendida como uso da língua, pressupõe um quadro enunciativo, que se configura por sujeitos – o par eu-tu –, ou seja, a noção de pessoa – e situação – o espaço e o tempo. Essa noção, descrita como ato de tomada da palavra, constitui-se em um processo de inserção dos sujeitos na língua, o qual envolve apropriação e atualização (FLORES et al., p. 102).

Chega-se, aqui, à resposta da principal questão deste item. Afinal, de que escrita se fala? Fala-se da escrita enunciativa, deduzida da noção *benvenistiana* de enunciação. A escrita que diz respeito a um ato individual de utilização da língua, no qual o sujeito se enuncia em busca de significar. Ao enunciar, o sujeito não somente se apropria da língua como também a atualiza, produzindo um enunciado, “manifestação da enunciação, produzida cada vez que se fala” (FLORES et al., p. 107). O enunciado, portanto, é sempre único, é sempre irrepetível. Nas palavras de Endruweit, trata-se, neste estudo,

(...) é da Escrita como sendo do irrepetível, de uma Escrita enunciativa também produto desse aparelho formal de que todo sujeito falante e escrevente é dotado. Proponho, portanto, a possibilidade de tomar a Escrita como pertencente ao aparelho formal, ou seja, a Escrita é também a escrita de um sujeito, portanto, a Escrita de sua lógica (2006, p. 114).

Posto que o homem inevitavelmente apropria-se da língua para fazer-se sujeito e que a escrita é uma das formas de produzir enunciados, cabe, agora, entender o blog como espaço primordial de escrita e, dessa forma, de enunciação. Segundo Endruweit, “Trata-se da escrita do enunciado, do texto. Mas essa não é toda a escrita. Vista de outro ângulo, temos a Escrita de um sujeito, da enunciação, pois aquele que escreve se enuncia naquilo que escreve” (2006, p. 114).

Através da escrita publicada nos blogs, o ser humano tem mais uma oportunidade de colocar-se diante do outro. O desejo de ser visto através das palavras é o desejo de deixar algo de si para o sempre. O homem existe *na* e *pela* linguagem. Ele se registra e, por que

não, se oficializa *na e pela* escrita. Para isso, carrega documentos, compara assinaturas, escreve a próprio punho. O homem não quer ser anônimo: quer tocar o *outro*, para existir através dele. O homem é inteiro linguagem.

Por isso, afirma-se, neste artigo, que criar, manter e divulgar um blog vai além do exibicionismo. Escrever sobre si ou escrever o que se pensa e tornar público está intrinsecamente relacionado a uma atitude enunciativa. Manter um diário tradicional também é uma forma de se enunciar, porém, publicar um texto na internet traz implícita – e explícita – a busca pelo *outro*, em quem o *eu* invariavelmente se reflete, como será visto, a seguir, com Benveniste: “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (1995, p. 285).

3 Eu sei que você sabe que eu sei que você sabe que é difícil de dizer¹⁴

Na concepção de Benveniste, diálogo é o “quadro figurativo da enunciação em que duas figuras, na posição de parceiros, são alternativamente protagonistas da enunciação” (FLORES et al., 2009, p. 81). Além disso, “o autor marca que sua concepção de diálogo não é a de uma simples troca verbal entre interlocutores. De fato, para o autor, o diálogo é uma troca verbal entre interlocutores movida por um interesse comum ou intersubjetivo” (FLORES et al., p. 81).

A pressuposição de que blogs constituem diálogos advém tanto da definição acima como da observação do próprio instrumento. É fácil perceber que a marca das novas tecnologias digitais é a interatividade. Através da internet, hoje, vive-se em constante comunicação, ao vivo e com direito a som e imagem. Ao navegar pela rede, os internautas se perdem entre as vertiginosas linhas do hipertexto, que os remetem de um site a outro através de links.

¹⁴ Trecho da canção “Eu sei”, de Marisa Monte.

Como visto, para isto criaram-se os primeiros blogs: guias de navegação. Um blog leva a outro e eles se interligam por elementos comuns. Os links destacados em um blog falam muito do seu autor. De acordo com citação em Oliveira¹⁵,

Ele lembra uma frase do escritor Hugh Miller nesse sentido: “Mostre-me seus links que eu direi quem você é”, e afirma que interfaces digitais como home pages (e blogs) permitem que se crie um “eu virtual” pronto a interagir com outras pessoas que acessem a página pessoal do autor. Esta concepção de um “eu virtual” conforme Chandler, é antiga e já estava presente nas idéias de Platão, o qual sustentava que pessoas podem encontrar idéias de outras em forma de um “eu textual” quando se lê um livro, por exemplo (2009, p. 66).

Quem é, enfim, esse sujeito que se configura através do blog? Que busca o outro na interatividade dos links, nos comentários de visitantes e na exposição em si? Internet é linguagem, é feita de *eu* e *tu*, é feita de sujeitos apropriando-se da língua para existir. Há um *eu* dizendo *eu* dentro do blog, transformando em enunciação a própria vida e esperando que um *tu* se pronuncie diante dela.

Para Benveniste, a enunciação é marcada exatamente por essa “oposição entre as pessoas *eu* e *tu*” (FLORES et al, 2009, p. 71). Conforme Endruweit,

Eu, para o autor, é essencialmente linguístico, é a palavra que coloca a língua em funcionamento, e *eu* e *tu* constituem-se as únicas palavras da língua indispensáveis para que haja relação entre os sujeitos, para que haja intersubjetividade. É, pois, a partir do *tu* que é possível pensar o *eu*. No momento da enunciação e pela enunciação, o eu se constitui, sendo, portanto, *sui referencial*. Mas tal condição não é possível se dar sem a presença do *tu*. Logo, o *eu* necessita do *tu* para poder constituir-se como pessoa, para poder enunciar, criando uma relação de troca entre ambos. Na medida em que se constituem mutuamente, são constituídos pela língua (2006, p. 107).

Em um blog, tudo delata o sujeito. As cores, as fontes, as imagens, os links e, principalmente, os textos. Tudo são marcas da sua presença. Como apontam Amaral, Recuero e Montardo:

No mesmo sentido, Trammell e Keshelashvili (2005), apesar de reconhecer que o blog é, muitas vezes, definido a partir de sua estrutura, discutem que, a partir de

¹⁵ Disponível em www.sobreblogs.com.br

sua vocação midiática, o blog é uma personalização de seu autor que é expressa a partir de suas escolhas de publicação (2009, p. 33).

Mesmo os blogs que não são especificamente opinativos contêm na sua escolha de links, de textos para publicar etc., seu autor espelhado nessas escolhas. A partir da compreensão do blog como um espaço pessoal, ele é também compreendido como uma escrita íntima (2009, p. 35).

Tal nível de personalização promoveu ao blog identificação com o gênero diário e a prática diarista. Para Komesu:

A aproximação dos blogs ao gênero os diários pode ser justificada pela projeção de uma imagem estereotipada daquele que se ocupa de escritos pessoais. Quem escreve sobre si, para narrar acontecimentos íntimos, insere-se na prática diarista. O aparecimento dos blogs é ainda bastante recente; como atividade humana, apoia-se em gêneros 'relativamente estáveis', já consagrados, para sua composição. Pode-se, assim, identificar traços do gênero diário na constituição dos blogs (2005, p. 114).

Blogueiros são diaristas? Trata-se de uma dúvida constante, que será abordada com maior profundidade. Agora, o que importa é avaliar as marcas que o sujeito imprime na composição da sua página, descrevendo ou não a própria vida. No entanto, por se tratar de um questionamento pertinente e que percorre todo este estudo, antecipa-se, conforme observação de Braga¹⁶, que

Muitos dos primeiros estudos acerca da emergência dos blogs partiram de uma analogia com a chamada "escritura de si," os diários íntimos em voga nos séc. XVIII e XIX. Entretanto, se considerarmos que a narração de uma história implica a adequação da experiência vivida no âmbito privado à aparição pública, como no caso dos blogs – textos visando publicização –, fica claro o limite frágil dessa analogia. Nesse processo de escritura do vivido, a experiência passa por um processo de transformação, desprivatização e desindividualização (Arendt, 1997). Assim, a perspectiva desses estudos se mostrou reducionista, principalmente à medida que o uso dos blogs foi se estabelecendo por outros caminhos, especialmente na interação que estabeleceu com os discursos literário e jornalístico (2009, p. 79).

Ao criar o blog, o autor procura estabelecer e anunciar a que veio em seus primeiros posts. Porém, com o tempo, as origens vão se perdendo e se misturando às novas aspirações

¹⁶ Disponível em www.sobreblogs.com.br

surgidas com o amadurecimento da escrita (e) do blogueiro. A folha em branco virtual acaba se prestando a todo tipo de enunciação. Não raro blogs misturam críticas, notícias, discussões, reproduções de elementos encontrados em outros sites e blogs, expressões artísticas e muitas outras coisas, formando um todo que é a ‘cara do sujeito’, ou seja, o conjunto das marcas que o denunciam e configuram. Oliveira registra que:

O fato, inclusive, de reportar-se a futilidades em páginas pessoais não é algo temeroso para Chandler. Para ele, muito mais de se tratar de julgar se os pensamentos e idéias produzidos são inteligentes, o conteúdo produzido em web pages responde mais diretamente sobre a necessidade de os indivíduos se dizerem e construir a própria identidade, na tentativa de responder à questão: quem sou eu? (2009, p. 66)

Como visto em Benveniste, tal questão só pode ser respondida diante de um *tu*: “(...) *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*” (1995, p. 286). *Eu* não pode ser *eu* sem confrontar-se e refletir-se, sem alternar-se com o outro, porque a existência de *tu* e a possibilidade de *tu* fazer-se sujeito é constituinte de *eu*. Benveniste observa, ainda, que se trata de “um tipo de oposição do qual não se encontra o equivalente em lugar nenhum, fora da linguagem” (1995, p. 286). Mas quem são esses sujeitos que se propõem a construir-se virtualmente? Para Komesu

Sob essas condições de acesso, a parcela da população que usufrui de computador e internet pode utilizar o software para a expressão de seus sentimentos, principalmente, na atividade de escrita – e por meio de outras semioses como a imagem e o som. Não se trata da exibição da vida particular de celebridades, mas do cotidiano e das histórias de pessoas consideradas comuns por que não exercem quaisquer atividades que lhes dêem destaque social, a não ser o fato de possuírem um blog na rede (2005, p. 112).

Pessoas comuns, que fazem política, que promovem atividades sociais, que divulgam causas, que publicam suas artes, que refletem, discutem e opinam sobre a situação da casa, do bairro e do mundo ou que simplesmente(!) existem. Além de diaristas e exibicionistas, blogueiros configuram o ideal do “homem falando que encontramos no mundo” (BENVENISTE, 1995, p. 285), o homem que se quer sujeito, que se quer vivo, que quer se enunciar por aí.

4 Quem lê tanta enunciação?

Para quem o *eu* fala através do blog? Quem se interessa por seus enunciados? Há um suposto leitor, em algum lugar, para quem os textos são dirigidos, os enunciados proferidos. Um leitor que coloca em dúvida as definições de blog e permite que ele se aproxime da escrita literária, do jornalismo, de múltiplas formas de expressão. Conforme Endruweit: “A condição para o homem existir é ser constituído pelo outro, seu a priori é a intersubjetividade, e esta, condição para a subjetividade” (2006, p.110).

O homem procura o *outro* desde sempre, porque lhe é constitutivo. Não parece natural que essa busca se estenda aos avanços tecnológicos? Por que não se buscaria o *outro* também na internet? Komesu afirma que: “a comunicação mediada por computador é uma das práticas possíveis para se buscar no Outro resposta às questões subjetivas. A necessidade do Outro para a constituição do sujeito é imprescindível e independe dos suportes materiais utilizados” (2005, p. 119).

A ação do outro frente ao blog se dá por duas maneiras fundamentais. A primeira diz respeito ao ato de ler em si – a interpretação. Mesmo que a intenção do autor seja eternizar-se pela escrita, o texto não lhe pertence. A escrita é de quem lê, e cada leitor lê diferente e nunca igual. A eternidade almejada pode ser, portanto, a infinidade de sentidos que os sinais gráficos da escrita refletem no outro, irrepetíveis a cada leitura.

A segunda maneira configura-se na interação concreta entre autor e leitor, efetivada através do espaço destinado aos comentários. Todo blog, em sua estrutura, disponibiliza aos visitantes a oportunidade de registrar sua opinião (alguns blogueiros optam por bloquear este sistema, mas são raros). Em geral, ao final de cada post, há o link *comentários*, espaço para o leitor manifestar-se. Marcuschi confirma: “Qualquer blog tem uma abertura para receber comentários, pois são interativos e participativos. Não são como e-mails nem como chats, pois cada qual pode pôr no livro do outro o seu recado ou comentário sobre algo que o outro escreveu” (2005, p. 62).

Sim, livro, pois blogs são espaços gratuitos, interativos e dialógicos, mas acima disso são enunciados de sujeitos publicados na rede, com a particularidade de poderem ser reciprocamente marcados pela enunciação do outro. A importância do espaço de comentários é tal que, conforme Novaes,

(...) com o sistema de comentários, os blogueiros se tornaram mais escritores do que simplesmente blogueiros. Seus textos deixaram de ser apenas um texto jogado na internet para ser algo comentado por pessoas muitas vezes críticas e diretas, que denunciavam até mesmo um simples erro de português, como se o blog tivesse a obrigação de passar uma informação seguindo os padrões de um livro, por exemplo, com direito a revisões e tudo antes de publicar um post (2007).

Hoje, os comentários apontam tanto para o status de se ter um blog bastante frequentado, quanto serve de termômetro sobre a qualidade dos posts. É a ferramenta que o blogueiro dispõe para avaliar a recepção dos textos entre os leitores.

Pesquisas têm sistematicamente apontado para o fato de os weblogs valorizarem bastante os comentários recebidos e que essa presença pode ser fundamental para que se continue a postar (Miura e Yamashita, 2007; Nardi et al., 2004). Esses apontamentos podem mostrar que os comentários são elementos significativos da cultura dos blogs, e que são, se não essenciais, muito importantes como elementos de motivação para os blogueiros e fundamentais como ferramentas de interação social (2009, p. 37).

A interatividade proporcionada pelos blogs é tamanha, que, além de os leitores interagirem com o autor, interagem uns com os outros, pois a caixa de comentários oportuniza discussões e ainda serve como vitrine para divulgação de outros blogs. Ações que se dão *na e pela* escrita, um caso à parte no cenário da enunciação, previsto por Benveniste: “Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior da sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (1989, p. 90).

5 WWW.EU.BLOG.COM/TU

Conforme apontado até aqui, blogs são espaços de escrita enunciativa. Aquela que diz do sujeito e de sua natureza dialógica, da existência refletida no outro. Através dos blogs, o homem se pode fazer personagem e transformar sua vida em narrativa. Verdade e ficção entremeadas pelo inconsciente humano, incontrolavelmente criativo. Para Komesu,

A interatividade característica do suporte é evidenciada nessa produção de escritos sobre si veiculados de maneira pública pela internet. Não se trata dos segredos do indivíduo, velados pelas práticas diaristas tradicionais. Os blogs são redigidos para que as histórias pessoais sejam compartilhadas abertamente (2005, p. 117).

Para tornar concreta a discussão em torno da classificação *diário*, recorre-se aos estudos de Lejeune a respeito do gênero. Através deles, pode-se avaliar algumas semelhanças e discrepâncias em relação ao blog:

A destinação dos diários variou muito ao longo da história. No início, os diários foram coletivos e públicos, antes de entrarem também na esfera privada, depois individual e, enfim, na mais secreta intimidade. Digamos apenas que um diário serve sempre, no mínimo, para construir ou exercer a memória de seu autor (grupo ou indivíduo). Quanto ao conteúdo, depende de sua função: todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. A forma, por fim, é livre. Asserção, narrativa, lirismo, tudo é possível, assim como todos os níveis de linguagem e de estilo, dependendo se o diarista escreve apenas para ajudar a memória, ou com a intenção de seduzir outra pessoa. Os únicos traços formais invariáveis resultam da definição aqui proposta: a fragmentação e a repetição. O diário é, em primeiro lugar, uma *lista de dias*, uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo (2008, p. 261).

Por esses aspectos, blogs se encaixam na escrita diarista, excetuando a questão da “mais secreta intimidade”. Entretanto, como historicamente *intimidade* é um valor que se modificou, é possível que os blogs sinalizem os novos tempos do gênero diário, retornando à coletividade. Não se pode, no entanto, confundir a ausência de individualismo de outros tempos com o panorama que se observa hoje. O que se vive, na pós-modernidade, não se trata de espírito coletivo, mas de dispersão.

Como resposta à pergunta “o que é um diário?”, Lejeune responde com uma definição à primeira vista muito próxima do blog:

É muito simples, no papel, no computador, escrevemos a data, o que estamos fazendo, sentindo, pensando. Nenhuma forma é imposta, nenhum conteúdo é

obrigatório. É livre. A própria palavra “diário” é simples. Na pior das hipóteses, implicamos com o adjetivo “íntimo” que, em geral, lhe é justaposto – mas é apenas para evitar a confusão com a imprensa cotidiana (2008, p. 283).

Entretanto, também para o autor, manter um diário “É uma atividade discreta. Pode-se manter um diário em casa ou no avião. Mas, em geral, isso é feito longe do olhar dos outros, escondido da família” (2008, p. 257). Aqui começam as diferenças. Não é possível considerar a atividade blogueira como discreta. O ato da escrita, sim, pode ser realizado às escondidas, a sós, mas o texto produzido pelo blogueiro é publicado quase em concomitância com a produção.

Além disso, como visto, blogs são criados para estar sob o olhar do outro. É elemento recorrente nos layouts um sistema contador de acessos à página. Ora, *contar o número de visitas* está longe das características do diário tradicional, como se vê em Lejeune: “É, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário: somos nossos próprios destinatários no futuro” (2008, p. 261). Blogs visam o leitor e é em função dele que há o cuidado estético em relação aos textos e também ao próprio layout, cuidado inexistente ou irrelevante nos diários.

Uma entrada de diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia (LEJEUNE, 2008, p. 260).

É fato que o computador facilita o trabalho de revisão textual. A ferramenta “editar”, presente nos sites de hospedagem, está sempre disponível num clicar do mouse. A constante edição dos escritos e até mesmo o seu total apagamento é característica do blog e inconcebível no diário. Além disso, conforme Lejeune: “O diário é um vestígio, quase sempre uma escrita manuscrita, pela própria pessoa, com tudo que a grafia tem de individualizante” (2008, p. 260). Essas diferenças poderiam fazer do blog não um diário propriamente dito, mas outra espécie de escrita autobiográfica?

Em seu texto *O pacto autobiográfico*, Lejeune define autobiografia como: “Relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, enfatizando sua

vida individual e, em particular, a história de sua personalidade” (1991, p. 48, tradução livre). Segundo ele, essa definição coloca em jogo elementos pertencentes a quatro categorias, conforme transcrição a seguir:

1. Forma da linguagem:
 - a) Narração;
 - b) Em prosa.
2. Tema tratado: vida individual, história de uma personalidade.
3. Situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador.
4. Posição do narrador:
 - a) Identidade do narrador e do personagem principal;
 - b) Perspectiva retrospectiva da narração.

A partir dessas definições, Lejeune classifica os gêneros vizinhos à autobiografia, conforme deixam de cumprir alguma das condições acima citadas: os escritos memorialísticos não cumprem a condição 2; as biografias não cumprem a condição 4; a novela pessoal não cumpre o item 3; o diário íntimo não cumpre o item 4b; e, por fim, o autorretrato ou ensaio não cumpre os itens 1 e 4b (1991, p. 48).

Dentro de cada um desses gêneros, sem mencionar os desvinculados de teor autobiográfico, podem estar o blogueiro e o blog. Prefere-se, aqui, assinalar que a maioria dos blogs se insere no entrelugar, na fusão de todos. Basta analisar os resultados da pesquisa realizada pelo site Verbeat, expostos no início da pesquisa: as opções referentes a diário e relatos da vida pessoal nunca estão entre as primeiras colocadas. Elas aparecem misturadas ao desejo de publicar os próprios trabalhos artísticos, de opinar sobre acontecimentos políticos e sociais, de divertir e entreter, de participar da transmissão de informações, enfim, de ser parte de algo maior.

Quando Lejeune passa a considerar os blogs em seus estudos, necessita re-teorizar seu próprio conceito de “pacto autobiográfico”, tão difundido entre os estudiosos do gênero autobiografia, deixando claro o quanto esse novo formato é desafiador e se difere de todos

os outros vistos até então. Ao ser confrontado por uma colega pesquisadora sobre o pacto proposto pelo blog, responde:

Qual é o pacto? Aí ela me apertou... sei lá!! Um pacto de *amizade*! Desenvolvo. (...) A Internet fornece um dispositivo que concilia, numa mesma experiência, o recolhimento e o retorno ao outro! Explico (pelo menos no caso dos diários francófonos) o uso sistemático do pseudônimo, que permite separar dois campos de experiência, e a presença do email, que possibilita o diálogo (protegido) com o leitor alma gêmea e confidente. O apelo ao outro, os contadores de visita... Mas também o fato de que os diaristas se lêem entre si. É o que chamo de campo de amizade: não apenas relações duais, mas espírito de grupo, solidariedade. Bom, então, é claro que não é igual ao caderno. Mais uma lista: 1) a regularidade (sem isso, você perde seu público; 2) o desejo de seduzir (claro, você está no palco); 3) a autocensura (diferenciar os diários-crônicas dos diários íntimos de fato (LEJEUNE, 2008, p. 343).

Mais adiante no texto o autor exclama: “O leitor compartilha o tempo do diarista! É completamente diferente! Como se fosse uma novela!” (2008, p. 343). Dessa forma, mesmo denominando blog como diário e blogueiro como diarista, Lejeune quase não cessa de surpreender-se com as diferenças entre os dois, além de suscitar relações do blog com outros gêneros (crônica, novela). O que se pode concluir? Blog é um novo gênero e deve ser estudado como tal.

Para finalizar este artigo e demonstrar os aspectos abordados, convida-se o leitor a navegar pelo espaço virtual da autora deste artigo, mantido desde o ano de 2004, o qual serviu como inspiração para esta abordagem: o blog Mulher de Sardas¹⁷. Dele surgiram suas dúvidas em relação ao caráter puramente diarista dos blogs, e suas certezas sobre a dialogia e a essência literária presentes no instrumento.

Em relação à personalização, a estrutura do Mulher de Sardas é a mesma de outros blogs hospedados no site Blogspot. A caracterização advém, a princípio, da escolha das cores, imagens e links. Ao entrar no blog, o visitante depara-se com um cabeçalho contendo imagens e título. Logo abaixo, há duas colunas. Na coluna à esquerda estão os posts, precedidos de data e título e finalizados pelos seguintes dizeres:

¹⁷ Disponível em www.mulherdesardas.blogspot.com

Postado por mulher de sardas às 00:00:00 – horário de publicação do texto;
0 comentários – espaço para comentários de visitantes;
Links para esta postagem – endereço eletrônico do post;
Marcadores – categorias para classificação dos textos;
(imagem de um envelope com uma seta) – link para enviar o texto a um amigo.

Na coluna à direita encontra-se uma série de elementos:

A Mulher de Sardas – perfil em forma de texto breve;
Sardentos mundo afora – links para blogs que acompanho;
Sardentos de plantão – espaço disponibilizado pelo Blogspot para que os blogueiros “sigam” uns aos outros. As fotos são links para os blogs de cada um;
Sardas passadas – arquivo dos textos publicados;
Sardas business – imagem e link para blog comercial;
Sardas especiais – imagens e links para sites de interesse;
Contador – ferramenta que mostra o número de acessos ao blog.

Em relação ao conteúdo, o Mulher de Sardas, desde sua criação, acompanha desenvolvimento intelectual e emocional da autora, passando por diversas intenções e formatos.

No início, os textos eram basicamente comentários críticos. No começo do blog, em 2004, a autora escrevia muito a respeito de filmes, por exemplo. Eram os primeiros passos.

Aos poucos, o Mulher de Sardas foi tomando forma e recebendo as primeiras visitas, geradas por comentários que a autora postava em blogs alheios, divulgando o endereço. No começo de 2005, os textos eram cada vez mais íntimos e direcionados a um *tu* presente e atuante:

O Mulher de Sardas desperta e se espreguiça longamente. Esquece do dia de ontem, porque o ontem acabou. Levanta devagar, hesita um pouco ainda sentado entre os lençóis, coça os olhos remelentos e custa a engrenar. O Mulher de Sardas não sabe o que vai acontecer, mas desperta, levanta, respira, vive. Porque ele sabe que tem de viver. E você que lê entende do que o Mulher de Sardas está falando.

Os assuntos eram acontecimentos do dia a dia, como, por exemplo, um filme: “O que falar de ‘Closer’? Ele não é o retrato da minha vida. Eu não sofri uma catarse ao assisti-lo. Mas eu estive nele em muitos momentos”; uma música: “A Roda-Viva é a verdade que nos empurra pra frente, que não nos permite ou, ao menos, nos aconselha a não se apegar às pequenas coisas, porque as pequenas coisas são as primeiras a serem levadas pelo turbilhão”; um livro: “Eu me vi em Fernando Pessoa. E não porque eu era boa o suficiente para isso, mas porque ele era suficientemente singelo”; uma data: “Abri mão do Dia da Mulher porque não mereço ter um dia só pra mim. (...) Ando envergonhando a categoria”; um devaneio linguístico: “Então, você olha pra folha branca toda tingida de você e enxerga quase você. Enxerga você escrito. E você escrito parece com alguma coisa que você comeu, mas não lembra quando, nem onde, nem o nome, nem muito menos quem fez”.

2006 foi um ano profícuo para o *Mulher de Sardas*; os textos tornaram-se mais consistentes. Foi o ano das primeiras narrações: “Experimentou tocar seu corpo. Já não tinha certeza de sua existência, já não tinha certeza de seu ser. O mundo se transformara em nada e quem sabe não era ela uma espécie de nada, uma espécie que poderia tocar a si mesma”; das primeiras poesias: “Fiz pão/do sal destas lágrimas todas/do resto de farinha que ficou na despensa/do fermento vencido/E esquecido”; e dos velhos questionamentos: “Será que escrever é não sentir solidão? Será que solidão é fruto do silêncio? Será que o silêncio faz escutar o interior? Será que o interior quer ser escrito?”

Em 2007, o *Mulher de Sardas* estava completamente estabelecido na blogosfera e na vida da autora. Cada vez mais um espaço para desabafar: “Não por acaso a chuva lava as feridas dos últimos meses, a perda do emprego, a perda da confiança, a perda da certeza, o sentimento de rejeição, o medo de estar no lugar errado na hora que nunca foi marcada (...)”; para se confortar com a existência do outro: “Coisa boa ter vocês aqui. Meu desespero sobre o futuro esmorece quando me desespero com vocês”; para revelar angústias enunciativas: “Já tentei dar vários ares para o meu blog... Já tentei definir sua cara, seu papel, sua vez e sua voz neste mundo virtual. Mas não dá. O meu blog é tão meu que chega a ser eu. E eu sou assim.”

Em 2008, há uma relação mais explícita com a língua e uma busca efetiva pelo *eu* na escrita:

A verdade é que eu gosto de escrever. Eu gosto de texto. Gosto de pegar o texto nas mãos. Gosto de tocar, cheirar, mexer e remexer. Gosto de misturar tudo, desfazer tudo, refazer tudo. Gosto de consertar. Gosto de novas linguagens, novos estilos, novas superações. Gosto de quem se arrisca a escrever. Gosto de quem entende que Língua Portuguesa é mais do que gramática. Mais do que regras. Mais do que exatidão. Língua Portuguesa é língua, é minha e é tua, é para a gente. Tem que fingir que a Língua é massinha de modelar. E tem que modelar. Transformar em tudo o que der na telha. Igual criança. Sem medo.

Em 2009, os posts foram fundamentalmente literários, mas ainda assim baseados na escrita de si. A partir desse ano, houve, por exemplo, a inserção de diálogos:

- Escreve mais, então. Quero te ler sempre diferente.
- Leia de novo. Nunca se repete. É sempre hoje nos meus sinais. Refrata-os.
- Sim. Sinto. Aqui. E aqui. Aqui também.
- Sou eu inteira em cada pedaço de ti.
- São pedaços teus inteiros em mim.
- Leia.

Atualmente, o Mulher de Sardas é uma mistura de exercício literário...

A casa ficou assim. Abertas as cortinas. Reviradas as fotos. Desenroladas as toalhas. Trocada a ordem das almofadas sobre o sofá. Desfeita a cama. Terminado o aromatizador. Esquecidas as contas. Rasgada a lista de compras do mês. Desajustada a antena. Desvirado o elefante. Empoeirado o enfeite. Despidos os cabides um por um. Torto o quadro. Caído o pano de prato. Desligada e guardada a calculadora. Deixado o anel.

...subjatividade...

Fico aqui falando coisas que ninguém ouve. Ouvindo coisas que ninguém diz. Tudo bem. Nunca terei 29 anos neste blog. Sou e serei sempre uma mulher de sardas sem tempo nem espaço. Quem há de saber por quanto tempo existo? Quem terá notícias de mim se eu não as der? Quem passará por aqui e voltará? Aqui é minha casa também. É onde me digo ao mundo. E na linguagem as barbas não crescem. Elas se adaptam no rosto de quem as quer.

...e intersubjetividade... “Eu sei que você está discordando. Aliás, eu sei exatamente o que você está pensando, porque eu também não pedi para nascer.”

Especialmente intersubjetividade. Em Benveniste vê-se que essa é uma “inter-relação constitutiva da enunciação que pressupõe o *eu* e o outro mutuamente implicados” (Flores et al., 2009, p. 146). A presença do *outro* não poderia faltar no *Mulher de Sardas*. Através dos comentários e das comunidades formadas nos seis anos de blog, compreende-se a dimensão do que significa fazer-se sujeito *na* e *pela* escrita. No *Mulher de Sardas*, o *outro* é fundamento e objetivo, é atuante e intrínseco, é parte principal e independente, é, sem dúvidas, o sentido que extrapola a inerente necessidade de enunciar.

O *outro*, através do blog, reconhece: “Claudinha disse... Quanto tempo, que saudades! Como sempre eu vejo você crescendo, virando gente grande.” Reconhece-se: “Fernando Rozano disse...pois, o teu texto acertou a saudade que sinto da casa dos meus pais... ops...da minha casa....quando era adolescente em uma Porto Alegre que hoje não existe mais.” Convida: “f.d.p. disse... mt legal o blog passarei aqui sempre vamos nos linkar?” Visita: “Mara faturi disse... A boa poesia sempre tem fome e ganas então, saboreando novas paisagens cheguei aqui, gostei, voltarei...” Deleita: “Bittencourt disse... Existem poucas coisas que me fazem realmente relaxar no final do dia e a principal delas e dar uma passadinha no teu blog.” Divulga: “Felipe Siebert disse...tais blogando também é? a Mari me mostrou teu blog... muito bom...” Divulga-se: “Passa lá! A casa é de pobre, mas é limpinha e a meia... continua vazia na janela.” Pergunta: “Virgílio disse... e aí camila, lembra de mim? a chuva é uma utopia? agora aqui em florianópolis escuto a chuva deslizar pelas calhas das casas. abraço.” Responde: “quanto ao teu último comentário no meu blogue, feriu-me como uma lâmina, uma afiada e necessária lâmina... Wagner.” Aconselha: “Dilamar disse... (...) a menininha ainda é menina, mas no futuro que respiras, sabemos que só a verdade é que liberta, e é nos nossos rascunhos que encontramos a perfeição.” Acomoda: “Rodrigo Luz disse... Oi! Pois bem, atualizei o endereço se seu blog. Muito frio aí no Sul?” Resume: “Almiro disse... Prezada Mulher de Sardas: Eis a crônica da felicidade! E isso é tudo.” Reflete: “Caio disse... Eu adorei o teu texto. Que surpresa fantástica. O teu ponto de vista é sempre uma delícia de se ler.” Reflete-se: “Pri disse... Isso me fez lembrar das fases negras que costumo passar de vez em quando. Praticamente fazem parte de mim.” Trespassa: “CeciLia disse... Ai, guriuzinha, que vontade de ter escrito isso aí, das pinceladas, da vida pintada passando rápida nas janelas, de ser menos lua e muito,

mas muito mais sol.” Enfim, anseia: “Fernando Rozano disse... o que o futuro reservará a quem aqui chegar? voltarei.”

Acho que um dia terei material suficiente neste blog para autoanalisar a minha vida. Analisar e entender. Eu preciso entender esse processo que descaracteriza a gente ano a ano até não nos reconhecermos mais. A gente nasce de um jeito que parece ser o nosso jeito e aí... E aí a gente passa a vida se descaracterizando. Vida? Esse é o nome do processo? Pode ser.

Considerações finais

Conclui-se, ao final desta pesquisa e análise, que o blog, assim como o diário, é um espaço de escrita de si. Espera-se ter acrescentado a essa opinião que o blog, além disso, é um espaço de escrita do *outro* em si. Quem escreve diários e os guarda do olhar alheio, impede a inscrição do *tu*, que lhe é constitutiva. Como visto em Benveniste,

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que *eu* me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu* (1995, p. 286).

Espera-se, ainda, que tenham ficado claros os motivos que levaram à escolha da Linguística da Enunciação como base desta pesquisa. Não há nada mais bonito na língua do que a presença do sujeito *e*, não somente – é claro – mas em grande parte, era através de Benveniste que se poderia demonstrar o quanto são fascinantes as formas de apropriar-se da linguagem, em especial, a forma escrita. Pela escrita, pode-se ser o que se é e ser o que se deseja ser.

Por que os blogs, afinal? Porque blogs são espaços primordiais de escrita. Enquanto a imagem expõe cruamente, a escrita disfarça, engana, é a meia-luz da internet. Blogs são, ao mesmo tempo, exibição e mistério, pois a escrita permite que se regule o que, o quanto e de que forma se mostrar.

Através da vivência da autora do artigo na blogosfera, buscou-se demonstrar o quanto a escrita – e conseqüentemente o blog – é espaço de enunciação. Com o Mulher de

Sardas, a autora vive uma relação intersubjetiva singular, a qual tem o prazer de analisar conscientemente, através do conhecimento obtido dia a dia pelos estudos das teorias da linguagem e da literatura.

Ao final, conclui-se que, ao buscar referências nos estudos de Lejeune sobre escrita autobiográfica, a definição de blogs como pertencente ao gênero diário não se comprova. São muitas as semelhanças, porém, confrontando-as com opiniões e depoimentos daqueles que vivem no meio, entende-se que é preciso discutir o blog como um novo gênero, complexo, inquietante, disperso, imagem caleidoscópica, fruto da pós-modernidade.

Referências

AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra; RECUERO, Raquel. (Orgs.) Blogs: mapeando um objeto. In: *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BRAGA, Adriana. Teoria e método na análise de um blog: o caso Mothern. In: AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra; RECUERO, Raquel. (Orgs.). *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

ENDRUWEIT, Magali Lopes. *A Escrita enunciativa e os rastros da singularidade*. 2006. 205f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

LEJEUNE, Philippe. El Pacto Autobiográfico, *Suplementos Anthropos*, n. 29, p. 47-61, Dezembro, 1991.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEMOS, André. Prefácio. In: AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra; RECUERO, Raquel. (Orgs.). *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MENDONÇA, Marina Célia. Língua e ensino: políticas de fechamento. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol 2. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. O ciberespaço e a escrita de si na contemporaneidade: repete o velho, o novo blog? In: AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra; RECUERO, Raquel. (Orgs.). *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

Recebido em: 03/07/2010

Aceito em: 10/08/2010

E-mail do autor: cami.doval@gmail.com